



COORDENAÇÃO GERAL DA TRADUÇÃO:

Luiz Alberto Hanns

1,05

1915-1920

VOLUME II

OBRAS PSICOLÓGICAS DE



SIGMUND

Freud

Escritos sobre a
Psicologia do
Inconsciente

O Inconsciente (1915)

Suplemento Metapsicológico à Teoria dos
Sonhos (1917)

Luto e Melancolia (1917)

Além do Princípio de Prazer (1920)



IMAGO

adequadamente comprovado que as idéias conscientes e inconscientes são registros diferentes e topicamente separados do mesmo conteúdo. No entanto, a suposta identidade da informação dada ao paciente com a lembrança recalçada é só aparente, pois ter apenas escutado algo ou tê-lo efetivamente vivenciado são duas coisas completamente diferentes do ponto de vista de sua natureza psicológica, embora tenham o mesmo conteúdo.

Portanto, no momento ainda não estamos em condições de decidir se a passagem do inconsciente ao consciente consiste em uma mudança tópica ou funcional. Talvez mais adiante encontremos fatores que possam ser determinantes para optarmos por uma das duas possibilidades. Talvez venhamos a perceber que as perguntas que formulamos até aqui foram insuficientes e que a distinção entre a idéia inconsciente e a consciente ainda deva ser redefinida de forma totalmente diferente.³²

■ III

Sentimentos inconscientes

Até aqui havíamos limitado nossa discussão à categoria das representações mentais [*Vorstellungen*],³³ mas chegou o momento de abordarmos uma nova questão, cuja elucidação certamente irá contribuir para o avanço de nossas concepções teóricas. Dizíamos que há representações mentais conscientes e inconscientes; mas será que também há impulsos pulsionais [*Triebregungen*],³⁴ sentimentos e sensações inconscientes, ou não faz sentido imaginar que existam tais combinações?

Penso que de fato uma oposição entre consciente e inconsciente não se aplica às pulsões. Uma pulsão nunca pode tornar-se objeto da consciência, isto só é possível para a idéia [*Vorstellung*] que representa³⁵ essa pulsão na psique. Mas, em rigor, também no inconsciente essa pulsão só pode ser representada por uma idéia. Ou seja, se a pulsão não aderisse³⁶ a uma idéia ou não se manifestasse como um estado afetivo, dela nada saberíamos. Se, no entanto, mesmo assim utilizamos até aqui expressões como “impulso pulsional inconsciente” ou “impulso pulsional recalçado”, devemos agora esclarecer que, apesar de inofensivas, se trata de expressões imprecisas. É mais do que óbvio que nesses casos estamos nos referindo a um

impulso pulsional, cuja representação ideacional é inconsciente, nem poderíamos estar nos referindo a outra coisa.³⁷

Talvez muitos agora imaginem que, no que tange às sensações, aos sentimentos e aos afetos inconscientes, a resposta seja tão fácil quanto o foi com relação às pulsões. Afinal, como se sabe, faz parte da natureza de um sentimento o fato de ser sentido, ou seja, de que a consciência tome conhecimento da existência dele. Portanto, uma inconsciência de sentimentos, sensações e afetos não seria possível. Por outro lado, na prática psicanalítica, recorrentemente falamos, por exemplo, em amor, ódio, raiva, etc. inconscientes e achamos inevitável utilizar até mesmo composições estranhas, tais como “consciência inconsciente de culpa” ou um paradoxal “medo inconsciente”. Será que esse nosso uso lingüístico é análogo ao que constatamos com referência ao sentido de “pulsão inconsciente”, ou ele vai além?

Ora, no caso dos afetos a situação realmente é bem outra. Pode acontecer que, num primeiro momento, uma moção de afeto [*Affektregung*],³⁸ ou uma moção de sentimento [*Gefühlsregung*], embora seja percebida, não seja identificada corretamente. Essa má interpretação ocorre porque a idéia que representa a moção de afeto sofreu um recalque. Assim, uma vez que a representação ideacional foi tirada de cena, a moção, para poder veicular-se, foi obrigada a estabelecer uma nova conexão com outra representação mental, que agora passa a representá-la. Portanto, agora a moção de afeto será considerada pela consciência como a efetiva e fiel expressão dessa nova representação, ou seja, o afeto é tomado como efetivamente pertencente àquela nova representação. Em psicanálise, quando reconhecemos a distorção ocorrida e logramos restabelecer as conexões originais corretas, designamos de “inconsciente” a moção de afeto original, embora na verdade seu afeto jamais tenha sido de fato inconsciente; apenas a idéia que o representava é que sucumbiu ao recalque. Na realidade, a nossa utilização das expressões “afeto inconsciente” e “sentimento inconsciente” refere-se aos destinos que o fator quantitativo contido na moção pulsional [*Triebregung*] poderá ter, como consequência de ter sofrido um recalque.³⁹ Sabemos que esse destino pode ser tríplice: o afeto ou continua existindo como tal, no todo ou em parte, ou transforma-se numa quota de afeto de outra qualidade, principalmente em medo, ou, ainda, é reprimido [*unterdrückt*],⁴⁰ isto é, seu desencadeamento é impedido. (Essas possibilidades talvez possam ser mais facilmente estudadas na elaboração dos sonhos do que nas neuroses.⁴¹) Sabemos também que a repressão [*Unterdrückung*] do desencadeamento do afeto é o verdadeiro objetivo do recalque e que seu trabalho permanece inacabado se o objetivo não for alcançado. Em todos os casos em que o recalque consegue impedir que os afetos aflorem, chamamos esses afe-

SE.37

T.38

SE.39

T.40

SE.41

tos, que logramos reinstalar ao desfazermos o trabalho de recalque, de "afetos inconscientes". Portanto, não se pode negar a coerência das expressões acima citadas, mas, em comparação com a idéia inconsciente, há uma diferença significativa: a idéia inconsciente continua existindo como formação real no sistema *Ics* após o recalque, enquanto no mesmo local, em vez do afeto inconsciente, há apenas um ponto de ancoragem potencial⁴² que não pôde desenvolver-se. Apesar de o uso lingüístico permanecer imaculado, em rigor não existem, portanto, afetos inconscientes, tal como existem idéias inconscientes. Mas no sistema *Cs* pode, sim, haver formações de afeto que venham a se tornar conscientes tal como ocorre com outros tipos de formação que conhecemos. Toda a diferença origina-se no fato de que idéias consistem em cargas investidas — basicamente em traços de lembranças — ao passo que os afetos e sentimentos correspondem a processos de descarga⁴³ [*Abfuhrvorgänge*] cujas manifestações finais são percebidas como sensações. Levando em conta o que hoje sabemos dos afetos e sentimentos, não temos modo mais claro de descrever essa diferença.⁴⁴

De especial interesse para nós é a constatação de que o recalque pode bloquear o processo de transformação da moção pulsional em expressão de afeto. Essa constatação nos mostra que o sistema *Cs* normalmente controla tanto a afetividade quanto o acesso à motricidade. Ela também realça o papel do recalque, mostrando que ele produz não apenas o afastamento da consciência, mas também impede o desencadeamento do afeto e da atividade muscular. Inversamente, também podemos dizer que, enquanto o sistema *Cs* estiver controlando a afetividade e a motricidade, poderemos designar o estado psíquico do indivíduo como normal. No entanto, há uma clara diferença na relação que o sistema dominante mantém com estes dois processos de descarga [*Abfuhr*] tão próximos um do outro.⁴⁵ Enquanto o controle exercido pelo *Cs* está firmemente alicerçado na motricidade voluntária, resistindo regularmente ao ataque da neurose, só vindo a desmoronar na psicose, o controle do desencadeamento do afeto está menos protegido pelo *Cs*. Mesmo no contexto de uma vida normal, pode-se reconhecer uma luta constante entre os sistemas *Cs* e *Ics* pela primazia sobre a afetividade. Por um lado, estabelecem-se esferas de influência; por outro, ocorrem combinações cruzadas entre as forças atuantes.

Quando se entende a função que o sistema *Cs* (*Pcs*) tem para as vias de acesso à liberação de afetos e à ação, também fica mais claro o papel da idéia substitutiva na formação da doença. Pode ocorrer que o desencadeamento do afeto parta diretamente do sistema *Ics*; nesse caso, o afeto terá sempre o caráter de medo e acabará assumindo o lugar de todos os outros afetos "recalcados". Mas com frequência a moção pulsional tem de aguardar até encontrar uma idéia substitu-

T.42

T.43

SE.44

F.45

tiva no sistema *Cs*. Nesse caso, o desencadeamento do afeto partirá desse substituto consciente e o caráter qualitativo do afeto corresponderá à natureza desse substituto. Afirmamos anteriormente⁴⁶ que no processo de recalque o afeto se separa de sua idéia e ambos seguem seus destinos separadamente. Do ponto de vista descritivo, trata-se de um fato indiscutível; no entanto, em geral, o verdadeiro processo é o de que um afeto não se forma enquanto não houver a ruptura para encontrar uma nova substituição no sistema *Cs*.

■ IV

Tópica e dinâmica do recalque

Até este ponto, concluímos que o recalque é essencialmente um processo que ocorre na fronteira entre os sistemas *Ics* e *Pcs* (*Cs*) e que ele opera sobre as idéias [*Vorstellung*] que aí se encontram. Podemos agora tentar descrever esse processo de forma mais detalhada. Trata-se necessariamente de uma retirada da carga de investimento, mas perguntamo-nos em que sistema essa retirada ocorre e a que sistema essa carga retirada pertence.

Como a idéia recalçada ainda mantém no *Ics* sua capacidade de ação, é claro que ela deve ter conservado sua carga de investimento. O que foi retirado deve ser algo diferente.⁴⁷ Se tomarmos o recalque propriamente dito (que também designamos ocasionalmente como um calcar *a posteriori*⁴⁸ [*Nachdrängen*])⁴⁹, e examinarmos como ele opera sobre a idéia pré-consciente — ou mesmo sobre uma idéia já tornada consciente —, então o recalque só poderia consistir em uma operação de retirada da carga de investimento (pré-)consciente que estava contida na idéia, ou seja, na retirada de uma carga de investimento pertencente ao sistema *Pcs*. Nesse caso, podemos ter três resultados: a idéia [*Vorstellung*] afica esvaziada de carga, ou recebe uma carga do *Ics*, ou, ainda, mantém a carga *ics* que já possuía antes. Isto é: ou ocorreu uma retirada da carga pré-consciente e a idéia foi esvaziada de sua energia, ou manteve-se a carga de investimento do inconsciente, ou houve uma substituição da carga pré-consciente por uma carga oriunda do inconsciente. Ao lançarmos essas hipóteses, acabamos por inserir implicitamente — quase que de forma involuntária — a suposição de que a passagem do sistema *Ics* para outro situado próximo a ele não se dá por meio de um novo registro ou inscrição,⁵⁰ mas por uma mudança de

SE.46

SE.47

SE.48

T.49

T.50

estado, uma transformação na carga de investimento. Aqui, a hipótese funcional desbancou facilmente a hipótese tópica.⁵¹

Entretanto, essa nossa explicação sobre o processo de retirada de libido⁵² não é suficiente para tornar compreensível outra característica do recalque: por que a idéia que conservou sua carga de investimento, ou que foi provida de carga pelo *Ics*, não tenta penetrar de novo no sistema *Pcs*, tal como seria de esperar, uma vez que a idéia está preenchida de cargas de investimento? Afinal, se fosse esse o caso, seria lógico pensar que a retirada de libido teria de se repetir e o mesmo jogo se prolongaria indefinidamente, mas seu resultado não seria o recalque. Contudo, a explicação que demos acima sobre o mecanismo de retirada da carga de investimento pré-consciente nos traz ainda outra dificuldade, a saber, ela coloca em xeque nossa descrição do recalque original, pois, no recalque original já preexiste uma idéia [*Vorstellung*] inconsciente que ainda não recebeu a carga do *Pcs*, de modo que não haveria carga pré-consciente a ser retirada dessa representação.

Precisamos supor aqui a existência de outro processo, que, no caso do recalque secundário — o denominado calcar *a posteriori* —, nos permita assegurar a manutenção do esforço de recalque e que, no caso do recalque original, nos permita explicar sua instalação inicial e sua continuidade: a única hipótese plausível é imaginarmos que exista um *contra-investimento de carga* por meio do qual o sistema *Pcs* se protege da pressão de retorno ao consciente exercida pela idéia [*Vorstellung*]. Veremos a seguir, através de exemplos clínicos, como se manifesta o *contra-investimento de carga*, que opera no sistema *Pcs*. Antes, porém, devemos já adiantar que o dispêndio constante [de energia] que sustenta e garante a durabilidade do recalque original reside justamente nesse *contra-investimento de carga*; podemos dizer que é ele que representa esse dispêndio. De fato, o recalque original constitui-se tão-somente no mecanismo de *contra-investimento de carga*, enquanto no recalque propriamente dito (no calcar *a posteriori*) há ainda outro mecanismo a ser acrescentado: a retirada da carga de investimento *pcs*. É bem possível que essa carga de investimento retirada da idéia seja então utilizada para servir de *contra-investimento de carga*.

Como se pode perceber, introduzimos paulatinamente um terceiro ponto de vista na nossa apresentação dos fenômenos psíquicos. Agora, além do dinâmico e do tópico,⁵³ destacamos o ponto de vista *econômico*, isto é, uma perspectiva que visa a acompanhar o destino das quantidades de excitação e busca, ao menos aproximativamente, estimar as magnitudes dessas quantidades. Creio que vale a pena dotar de um nome específico essa tripla forma de compreensão dos fenômenos, pois ela é a consolidação mais plena daquilo que procuramos na

SE.51

SE.52

SE.53

pesquisa psicanalítica. Sugiro chamar toda descrição do processo psíquico que envolva as relações *dinâmicas, tópicas e econômicas* de descrição *metapsicológica*.⁵⁴ Entretanto, posso adiantar que, no atual estágio de nossos estudos, ainda não estamos em condições de atingir plenamente essa meta; em verdade, até este momento só conseguimos formular uma descrição metapsicológica de alguns processos isolados.

Tentemos, pois, dar mais um passo e fazer agora uma primeira descrição metapsicológica do processo de recalque, e tomemos para tal as três neuroses de transferência conhecidas. Nesse contexto, iremos substituir o termo “investimento de carga” por “libido”,⁵⁵ pois, como se sabe, trata-se aqui dos destinos de pulsões sexuais.

Comecemos pelo quadro de histeria de angústia [*Angsthyserie*].⁵⁶ Neste caso, há uma primeira fase do processo que freqüentemente passa despercebida, ou até mesmo é desconsiderada, mas que, numa observação mais atenta, podemos discernir claramente. Essa primeira fase caracteriza-se pela manifestação de um medo [*Angst*] que o sujeito não saberia a que atribuir. Aqui cabe a seguinte suposição: o processo começa com uma manifestação de cunho amoroso [*Liebesregung*] que brota no *Ics* e tenta forçar a passagem ao sistema *Pcs*. Contudo, uma correspondente carga de investimento também já existente no *Pcs* estava direcionada à iniciativa amorosa e, ao percebê-la, retraiu-se, numa reação análoga a uma tentativa de fuga. Assim, a carga de investimento libidinal inconsciente contida na idéia que foi rejeitada — por não ter outra idéia que pudesse veiculá-la — acabou tendo de ser descarregada [*Abfuhr*] diretamente, irrompendo na forma de medo.⁵⁷ Após essa fase inicial, o processo, ao se repetir mais algumas vezes, enseja um primeiro passo para que a psique aprenda a lidar [*Bewältigung*]⁵⁸ com este tão indesejado desencadeamento de medo.⁵⁹ O aprendizado ocorreria do seguinte modo: a carga de investimento [*pcs*] em fuga direcionou-se para uma idéia substitutiva e ocupou-a. Essa idéia substitutiva estava associativamente ligada à idéia rejeitada; entretanto, encontrava-se distante dela o suficiente para poder escapar à ação do recalque (*substituição por deslocamento*);⁶⁰ assim, embora o desencadeamento de medo não pudesse ser inibido por essa ação de fuga, ao menos surgia no *Cs* uma idéia ou representação substitutiva que permitia agora racionalizar o motivo do desencadeamento de medo. Por um lado, essa idéia substitutiva passou então a ter para o sistema *Cs* (*Pcs*) o papel de *contra-investimento de carga*, protegendo-o contra a invasão da idéia recalçada; por outro lado, essa mesma idéia substitutiva tornou-se justamente um ponto de partida que será especialmente propício para uma liberação desimpedida do afeto de medo — que agora, muito

SE.54

SE.55

T.56

T.57

T.58

SE.59

SE.60

mais do antes, se mostra intensificado. Essa idéia chega a comportar-se como se ela mesma fosse o motivo desencadeador do medo. A observação clínica da histeria de angústia [*Angsthysterie*] mostra que a partir dessa fase, por exemplo, uma criança que sofra de fobia de algum animal passará a sentir o medo sob duas circunstâncias: ou quando a moção de amor recalcada se intensifica, ou quando a criança percebe a presença do animal que provoca o medo. No primeiro caso, diremos que a idéia substitutiva está se comportando como um ponto de transição do sistema *Ics* para o sistema *Cs*, e, no segundo, como uma fonte autônoma da liberação do medo. Ocorre então uma progressiva ampliação do domínio do sistema *Cs* que pode ser notada no fato de o papel do objeto fóbico na excitação da idéia substitutiva ir se tornando cada vez mais preponderante, ao passo que a excitabilidade aos estímulos oriundos de fontes internas vai agora passando para um segundo plano. Talvez, ao final, a criança se comporte como se nem possuísse inclinação alguma em relação ao pai, como se tivesse se libertado dele totalmente e como se tivesse mesmo medo do animal. Contudo, apesar de cada vez mais parecer tratar-se somente de medo referente a um animal, esse medo continua a ser alimentado pela fonte pulsional inconsciente. Ele é grande demais e refratário à influência emanada do sistema *Cs* para não se perceber sua origem no sistema *Ics*.

Assim, na segunda fase da histeria de angústia, o contra-investimento de carga proveniente do sistema *Cs* acabou por levar à constituição psíquica de uma formação substitutiva. Contudo, em uma terceira fase, esse mesmo mecanismo logo terá de encontrar uma nova aplicação, pois o processo de recalque, como sabemos, ainda não foi concluído, e sua próxima tarefa será inibir a liberação do medo, que passou a irradiar-se a partir da idéia substitutiva.⁶¹ Essa nova plataforma de irradiação de medo se forma porque há um entorno que está ligado associativamente à idéia substitutiva e que também passa a ser investido de cargas de grande intensidade, de modo que se forma uma zona ampliada de alta excitabilidade. Portanto, basta agora ocorrer uma excitação em um ponto qualquer dessa zona para já dar início a um pequeno desencadeamento de medo. Entra em cena então a nova aplicação do mecanismo de formação de substitutos: esse pequeno desencadeamento de medo passará a ser usado como um sinal para iniciar de imediato a inibição de uma potencial continuação do desencadeamento progressivo de medo, e ocorre então uma nova série de fugas da carga de investimento [*pcs*].⁶² Quanto mais os contra-investimentos de carga conseguirem distanciar-se da idéia substitutiva causadora de medo, tanto mais exato e preciso poderá ser o funcionamento desse mecanismo. Em essência, o mecanismo reside em deslocar esses contra-investimentos, sempre sensíveis e alertas. Sua meta é isolar a idéia substitutiva, bem como dela desviar as novas excitações.

Evidentemente, esses cuidados só servem de proteção contra as excitações que chegam à idéia substitutiva vindas de fora, pelas vias da percepção, mas nunca são eficazes contra o impulso pulsional, que se origina de dentro e atinge diretamente a idéia substitutiva utilizando-se das vias de ligação desta com a idéia recalcada. E mesmo como defesa contra as excitações externas, essas proteções só funcionam se a idéia substitutiva assumiu a função de representar [*Vertretung*] a idéia recalcada — muito embora se deva dizer que essas proteções nunca se mostrarão muito confiáveis. Na realidade, a cada aumento de excitação pulsional, será preciso deslocar um pouco mais para fora essa muralha protetora formada em torno da idéia substitutiva. Toda essa construção psíquica, que de forma análoga também é produzida nas outras neuroses, leva o nome de *fobia*. Esse processo de fuga da carga de investimento consciente, evitando a idéia substitutiva, resultará ao final nas conhecidas evitações, renúncias e proibições, a partir das quais caracterizamos uma histeria de angústia (*Angsthysterie*). Numa visão geral de todo o processo, podemos dizer que a terceira fase repetiu o trabalho da segunda em maior extensão. O sistema *Cs* agora se protege contra a ativação da idéia substitutiva realizando um contra-investimento de carga que tomará para si todo o entorno, assim como anteriormente havia se protegido contra o afloramento da idéia recalcada através de um investimento de carga que tomou a idéia substitutiva. Assim, a formação de substitutos continuou a ocorrer por meio desse deslocamento de cargas. Notemos que no início desse processo havia no sistema *Cs* só um pequeno ponto vulnerável — que era constituído pela idéia substitutiva — e pelo qual o impulso recalcado podia penetrar; mais tarde formou-se em torno da idéia substitutiva toda uma extensa zona fóbica que passou a servir de enclave para que o inconsciente exercesse sua influência. Além disso, cabe destacar aqui um aspecto de interesse para nós: o mecanismo de defesa colocado em funcionamento na fobia logrou projetar o perigo pulsional para fora. O Eu, então, comporta-se como se o perigo de desencadeamento de medo não se originasse de um impulso pulsional, mas estivesse sendo veiculado pela percepção de algo externo, e, portanto, pode reagir contra esse perigo externo com as tentativas de fuga típicas das evitações fóbicas. Em um aspecto, esse processo de recalque sempre tem êxito: a liberação de medo pode ser até certo ponto represada, embora com grande sacrifício da liberdade pessoal. Entretanto, de modo geral, quaisquer tentativas de fugir das reivindicações pulsionais costumam ser inúteis, e também no caso da fuga fóbica o resultado acabará sendo insatisfatório.

Grande parte do que encontramos na histeria de angústia vale também para as duas outras neuroses, por isso, ao abordá-las a seguir, poderemos nos

limitar a discutir as diferenças, bem como o papel do contra-investimento de carga. Na histeria de conversão, veremos que a carga de investimento pulsional contida na idéia recalçada é convertida na inervação do sintoma. Contudo, em que medida e sob que circunstâncias a carga de investimento que ocupava a idéia inconsciente foi drenada para a inervação, de modo a permitir que a idéia parasse de exercer pressão sobre o sistema *Cs*, é uma pergunta que deveremos, juntamente com outras questões semelhantes, deixar para outra oportunidade, quando pudermos nos dedicar um exame específico da histeria.⁶³ Na histeria de conversão, o papel do contra-investimento de carga que parte do sistema *Cs* (*Pcs*) é muito nítido e se mostra na própria formação de sintomas. É o contra-investimento que escolhe sobre que parte do representante pulsional⁶⁴ [*Triebrepräsenz*] pode ser concentrada toda a carga de investimento desse mesmo representante. Essa parte do representante escolhida para funcionar como sintoma preenche então a dupla condição de dar expressão tanto à meta desejada [*Wunschziel*]⁶⁵ pelo impulso pulsional quanto ao esforço de defesa — ou de punição — que parte do sistema *Cs*. Portanto, essa parcela do sintoma, além de receber dos dois lados as camadas de investimento que irão se superpor, também é sustentada pelos dois lados de modo análogo ao que ocorreu com a idéia substitutiva na histeria de angústia. Com base nessa situação, pode-se concluir que na histeria de conversão o esforço do sistema *Cs* para sustentar o recalque que não precisa ser tão grande quanto a energia investida no sintoma, pois a força do recalque é medida apenas pela carga de contra-investimento despendida, ao passo que o sintoma se apóia não só na carga de contra-investimento recebida do *Cs*, mas também na carga de investimento pulsional oriunda do sistema *Ics* e que nele foi condensada.

Quanto à neurose obsessiva, teríamos apenas de acrescentar às observações que já fizemos no trabalho anterior⁶⁶ que aqui — de modo mais evidente do que nas outras neuroses — o contra-investimento do sistema *Cs* se coloca em primeiro plano. Nas neuroses obsessivas, o contra-investimento articula-se como formação reativa e promove um primeiro recalque inicial, e será através dele que mais tarde irromperá e penetrará a idéia recalçada. Assim, a razão pela qual o trabalho de recalque, tanto na histeria de angústia como na neurose obsessiva, parece ter bem menos sucesso que na histeria de conversão talvez possa ser explicada pela predominância do contra-investimento e pela ausência de uma descarga⁶⁷ que caracteriza os recalques dessas duas formas de neurose.

SE.63

T.64

T.65

SE.66

SE.67

■ V

Características especiais do sistema *Ics*

A distinção que fizemos entre os dois sistemas adquire um novo significado quando se leva em conta algo que ainda não havíamos mencionado: que as características dos processos que ocorrem no *Ics* não mais continuam presentes no sistema que se situa imediatamente acima deste.

Examinemos primeiro o que se passa no *Ics*. O núcleo do *Ics* é composto de representantes pulsionais [*Triebrepräsenzen*] desejosos de escoar sua carga de investimento — em outras palavras, é composto de impulsos de desejo [*Wunschregungen*]. Contudo, no *Ics* esses impulsos pulsionais [*Triebregungen*]⁶⁸ coexistem coordenados entre si, lado a lado, sem se influenciarem mutuamente, nem se contradizem. Quando no *Ics* dois impulsos de desejo são ativados ao mesmo tempo — embora seus objetivos nos possam parecer inconciliáveis —, em vez de se distanciarem um do outro ou de se anularem mutuamente, comparecem ambos simultaneamente e formam um objetivo intermediário, um acordo de compromisso.

No âmbito do *Ics* não há lugar para a negação, para a dúvida, nem diferentes graus de certeza. Esse gênero de restrições só se instala a partir do trabalho da censura que ocorre entre o *Ics* e o *Pcs*. Assim, também a negação [*Negation*]⁶⁹ somente entrará em cena em um nível superior, tendo então a função de substituta do recalque.⁷⁰ No *Ics*, tudo que podemos encontrar são conteúdos preenchidos com cargas de investimento que podem ser mais ou menos intensas.

Quanto às intensidades de carga de investimento presentes no *Ics*, o quadro é bem diferente, veremos que há uma mobilidade muito maior do que no *Pcs*. Utilizando-se do processo de *deslocamento*, uma idéia ou representação pode passar toda a soma de sua carga de investimento para outra idéia. Além disso, empregando o processo de *condensação*, a idéia ou representação pode apropriar-se da carga de investimento de várias outras idéias. Já sugeri em outra ocasião que se encarasse o deslocamento e a condensação como as marcas que caracterizam o chamado *processo psíquico primário*. No sistema *Pcs*, diferentemente do que ocorre no *Ics*, diremos que predomina o *processo secundário*.⁷¹ Cabe observar que, se tal processo primário operar sobre elementos pertencentes ao sistema *Pcs*, provocar-se-á um efeito cômico e o fenômeno parecerá “engraçado” e provocará riso.⁷²

Todavia, atenhamos-nos ainda ao *Ics* e ressaltemos agora que os processos nesse sistema são *atemporais*, eles não são cronologicamente organizados, não são

T.68

T.69

SE.70

F.71

SE.72

afetados pelo tempo decorrido e não têm nenhuma relação com o tempo. Como veremos, a relação com o tempo é algo estritamente vinculado ao trabalho do sistema *Cs*.⁷³

Ainda é preciso acrescentar a respeito do *Ics* que os processos que nele ocorrem não levam em consideração a *realidade*. Eles estão subordinados somente ao princípio de prazer e seu destino dependerá unicamente de sua intensidade e do preenchimento dos requisitos necessários para a regulação do prazer-desprazer.⁷⁴

Resumamos então o que dissemos até aqui sobre o *Ics*: *ausência de contradição*, *processo primário* (mobilidade das cargas de investimento), *atemporalidade* e *substituição da realidade externa pela realidade psíquica*. Essas são as características que podemos esperar encontrar em processos pertencentes ao sistema *Ics*.⁷⁵

Mencionemos ainda que os processos inconscientes só são reconhecíveis após os processos vigentes no sistema mais elevado, o *Pcs*, terem sido remetidos — por um processo de rebaixamento (regressão) — de volta a um patamar anterior, isto é, esses processos só são identificáveis quando se encontram nas mesmas condições em que ocorrem o sonho e as neuroses. A questão é que esses processos inconscientes são em si imperceptíveis e também incapazes de existência própria, pois o sistema *Pcs* encobre prematuramente o sistema *Ics* e, tendo se superposto a este, toma para si o controle das vias de acesso à consciência e à motricidade. Assim, a remoção, pelas inervações do corpo, das cargas de investimento acumuladas no sistema *Ics* é, como já mencionamos [pp. 29 e segs.],⁷⁶ colocada em xeque pelo *Pcs*, pois essa via de descarga [*Entladung*]⁷⁷ desencadearia uma intensa manifestação dos afetos.⁷⁸ Acrescentemos ainda que por si só, e sob condições normais, o sistema *Ics* não conseguiria implementar uma ação muscular capaz de atingir uma meta — à exceção das ações que já estão pré-organizadas como reflexos.

Contudo, a importância dessas características do sistema *Ics* que descrevemos até aqui só poderá ficar plenamente clara se pudermos contrastá-las com as características do sistema *Pcs* e avaliá-las pela ótica do *Pcs*. No entanto, isso nos levaria demasiado longe agora; deixemos tal comparação para quando tivermos examinado mais detidamente o sistema superior, algo neste momento fora do escopo deste trabalho.⁷⁹ Limitemo-nos, pois, apenas àquilo que nos parece mais urgente.

Voltando-nos para o sistema *Pcs*, diremos que os processos que nele ocorrem — independentemente de já serem conscientes ou capazes de se tornar conscientes — agem inibindo a tendência de descarga inerente às idéias [*Vorstellungen*]. Assim, quando no *Pcs* um processo transita de uma idéia para outra, a primeira conserva uma parte de sua carga e apenas uma pequena parte da carga de

SE.73

SE.74

F.75

SE.76

T.77

T.78

SE.79

investimento sofre um deslocamento [*Verschiebung*]⁸⁰ em direção à próxima [*Vorstellung*]. Portanto, no *Pcs*, deslocamentos e condensações, tais como ocorrem no processo primário, estão fora de questão ou, são extremamente limitados. Essa circunstância levou J. Breuer a supor que na vida psíquica haveria dois diferentes estados da energia das cargas de investimento: um de atamento e fixação [*gebunden*]⁸¹ tônica e outro de mobilidade livre, que visa à remoção e ao escoamento das cargas.⁸² Essa distinção de estados é o máximo que conseguimos avançar até hoje em nosso entendimento da essência da energia nervosa, e não vejo como alguém poderia não ver as coisas exatamente do mesmo modo. Porém, não há dúvida de que um aprofundamento da discussão sobre este ponto seria algo necessário e urgente para nossa teoria metapsicológica, mas receio que esse seja um empreendimento ainda ousado demais para nossas condições atuais.

Mas voltemos ao *Pcs*. Ao sistema *Pcs* cabe viabilizar o trânsito entre os conteúdos das idéias, de modo que elas possam comunicar-se e influenciar-se mutuamente; também é sua tarefa inserir uma ordem temporal nos conteúdos ideacionais,⁸³ introduzir uma censura ou várias censuras e submeter tais conteúdos ao teste de realidade e ao princípio de realidade. O *Pcs* também parece ter um papel relevante na nossa memória consciente.⁸⁴ Entretanto, não confundamos a memória consciente com os traços da lembrança [*Erinnerungsspuren*] nos quais se fixam as vivências do *Ics*. É preciso separar ambos os conceitos rigorosamente. A memória [*Gedächtnis*] provavelmente corresponde a um registro especial, tal como o supúnhamos existir na relação entre a idéia consciente e a inconsciente, embora naquele contexto o tenhamos descartado.⁸⁵ Esta última distinção nós daré em breve recursos para decidirmos acerca da denominação do sistema superior, que até então, desorientados, chamávamos ora de *Pcs*, ora de *Cs*.

Por fim, cabe aqui uma advertência para que não generalizemos apressadamente o que foi dito a respeito da distribuição das diferentes funções psíquicas entre os dois sistemas. Procuramos até este momento descrever as condições como se manifestam no homem maduro, para o qual o sistema *Ics* em rigor só funciona como uma etapa prévia de uma organização mais elevada. Não temos como inferir de nossa descrição do adulto qual o conteúdo e quais as conexões vigentes nesse sistema durante as diversas fases de desenvolvimento do indivíduo. Também não temos como saber o papel que esses sistemas desempenham na vida psíquica dos animais. Tudo isto terá de ser investigado à parte.⁸⁶ No caso do ser humano, deveremos, além disso, estar preparados para encontrar certas condições patológicas capazes de modificar ou até intercambiar os conteúdos e as características dos dois sistemas.

T.80

T.81

SE.82

SE.83

SE.84

SE.85

SE.86